

EP 02 – Lira Neto

É assim, qual é “O” seu livro de cabeceira... Um dos né? Porque minha cabeceira é lotada de livros. Mas, se eu tivesse que escolher apenas um, eu escolheria esse aqui que está na minha mão, que é “Fama & Anonimato” do Gay Talese, que pra mim é uma obra-prima da literatura de não-ficção. As pessoas costumam chamar aqui no Brasil de jornalismo literário, eu não gosto do termo jornalismo literário. Por que eu não gosto? Eu acho que o adjetivo “literário” quando justaposto ao substantivo “jornalismo”, parece querer dar uma certa nobreza a um ofício que originalmente não teria. Então é jornalismo, é bom jornalismo.

Isso aqui é uma bíblia para qualquer jornalista que tenha interesse em pessoas, interesse na narrativa. Gay Telese é um jornalista norte-americano, que está vivo ainda, um Papa desse chamado novo jornalismo americano, em que ele mostra a força da reportagem, a força dos perfis, a força de descobrir o maravilhoso, de descobrir o inusitado no cotidiano. Acho que esse é o grande fascínio que o Gay Telese exerce sobre mim. De certa forma, ele busca, às vezes até quando tudo parece dar errado em uma reportagem, ou quando parece que aquele texto não vai dar certo. Tem um caso clássico aqui, que é sobre o Frank Sinatra, ele tinha que fazer um perfil do Frank Sinatra, mas o Frank Sinatra não queria dar uma entrevista para ele e ele constrói um belíssimo texto, um texto antológico, um texto célebre, sobre o Frank Sinatra mesmo sem ter conversado com o Sinatra. Indo aos lugares que ele ia, conversando com os amigos.

Então, de uma certa forma, eu acho que a reportagem, que é um artigo hoje tão em falta, nos jornais, nas revistas... Tem aqui um exemplo do vigor e da importância dela para fazer jornalismo. E uma das lições básicas do Gay Telese para os repórteres é: levanta a bunda da cadeira, vai para a rua que as histórias estão lá pedindo para serem contadas.